

Interdoc: a primeira rede não governamental internacional

por Brian Martin Murphy (rev. por C. Afonso em 16-07-2022)

Este artigo conta em detalhes uma história pouco conhecida dos anais da história das redes de computadores. No início da década de 1980, um pequeno grupo de organizações não governamentais internacionais desenvolveu sua própria rede usando tecnologias disponíveis para capacitar grupos que trabalhavam pela justiça social e econômica. A rede, que recebeu o nome de Interdoc, tinha instituições membros de quatro continentes, formalizou seu mandato com um acordo internacional chamado de Acordo de Velletri (ver Apêndice), e operava em uma estrutura de três círculos, com a missão de administrar o sistema sob uma perspectiva de justiça social.

A rede foi usada para informar e capacitar organizações de trabalhadores, conectar ativistas de base, facilitar a pesquisa e a educação baseadas na comunidade, superar as falhas políticas internacionais, coletar e divulgar dados sobre direitos humanos e disseminar informações sobre desenvolvimento sustentável. A Interdoc e seus membros foram precursores e ajudaram a facilitar a fundação da Associação para o Progresso das Comunicações (APC), que se tornou a maior associação de redes de computadores do mundo servindo organizações não governamentais dedicadas aos direitos humanos, ao ativismo político, à justiça social, econômica e ambiental, durante a década de 1990.

Introdução

O Acordo de Velletri completou vinte anos em 2004. Em 1984, algumas organizações não governamentais internacionais de quatro continentes concordaram em fazer uma rede de computadores. Seu objetivo era trocar informações para o ativismo de justiça social. Foi o primeiro de seu tipo. Ele preparou o terreno para futuras instituições de rede que ajudariam ativistas. Ainda não foi explorado nas crônicas da história da Internet.

Existe agora uma rica literatura sobre a história da Internet. Varia de cronologias amplas (Moschovitis, *et al.*, 1999) a estudos de caso detalhados (Hauben e Hauben, 1997). Há também uma sublitteratura sobre redes de computadores por e para organizações não governamentais e grupos de justiça social que buscam ativismo internacional (Murphy, 1994, 2000, 2002; Ford e Gil, 2001; Warkentin, 2001; Smith, 2001; Martinez – Torres, 2001; Ribeiro, 1998; Castells, 1997; Frederick 1992, 1993). A rede Interdoc não figura na maioria desses relatos, embora seja anterior e tenha contribuído para quase todas as histórias contadas na sublitteratura.

Este artigo conta a história da Interdoc: por que foi criada, seus objetivos e estrutura e como contribuiu para formar uma rede de computadores para o ativismo internacional pela justiça social.

Por quê: Organizações não governamentais internacionais e o Acordo Velletri

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define uma organização não-governamental internacional (ONGI) como "uma organização

estabelecida e governada por um grupo de cidadãos privados para um propósito filantrópico declarado e apoiada por contribuições individuais voluntárias" [1]. 1].

A esfera ONGI se espalha por muitas perspectivas políticas, econômicas e sociais. A história do setor remonta a 1500 (Ghils, 1992). O foco deste artigo está no subsetor de pequenas ONGs internacionais que surgiram após a década de 1940.

Elas foram criadas principalmente no hemisfério norte. Arrecadavam dinheiro e entregavam ajuda aos pobres, principalmente no Hemisfério Sul. Durante a década de 1970 elas experimentaram uma mudança de perspectiva. Viram que os pobres não estavam em melhor situação. As pequenas ONGs internacionais adotaram outra abordagem: capacitar grupos de base no "Sul" e atuar como seus parceiros e defensores na luta pela reforma do sistema social e econômico global (Poulton e Harris, 1988). A nova abordagem tornou essencial o desenvolvimento de capacidades de informação e comunicação (Broadhead e Herbert-Copley, 1988).

Como parte de sua nova estratégia, as pequenas ONGs internacionais criaram uma associação para criar ONGs no Sul e fazer campanha em nível internacional. Foi chamada de Coalizão Internacional para Ação de Desenvolvimento (ICDA), baseada na Bélgica. A posição de presidente na ICDA alternava entre as organizações membros de cada país. Em 1980-1981, o cargo de presidente foi ocupado pelo Canadá e seu representante do Conselho Canadense para Cooperação Internacional – Chris Pinney.

Pinney realizou uma pesquisa informal de grupos de membros, constatando que as ONGs do "Sul" pretendiam obter melhores recursos de informação e comunicação. Em 1982, ele se associou a uma ONG de gerenciamento de dados patrocinada pelas Nações Unidas, chamada IDOC. Eles patrocinaram uma conferência para os membros da ICDA sobre as possibilidades de redes internacionais de computadores.

A conferência foi realizada em uma cidade fora de Roma, Itália: Velletri. Os representantes vieram de apenas dez ONGs, mas contavam com um corte transversal de ativistas da informação da América do Norte (Canadá), Escandinávia, América Latina, Europa Ocidental, África e Ásia. Pinney transcreveu as deliberações em um computador portátil Tandy 100. O resultado foi uma coalizão internacional que se comprometeu a passar dois anos compartilhando experiências no uso de bancos de dados e comunicações por computador entre o norte e o sul.

O Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Internacional (IDRC), com sede em Ottawa, forneceu fundos para o experimento. Em outubro de 1984, Pinney e seus companheiros estavam de volta a Velletri avaliando os resultados do projeto. As ONGs do Sul conseguiram instalar, usar e experimentar comunicações por computador, demonstrando que pode ser possível compartilhar bancos de dados, e-mail e conferências usando telecomunicações internacionais de maneira que não comprometia nenhuma de suas agendas (Pinney, 1997).

Durante uma semana de reuniões, entre 2 e 7 de outubro, os participantes concordaram em estabelecer uma rede global para comunicações por computador de entidades civis. Eles chamaram a nova iniciativa de "Interdoc". O documento de Velletri em si está até agora em um arquivo privado. Para registro público, o texto completo foi anexado como Apêndice I.

Os signatários do Acordo de Velletri incluíram o IDOC e o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE — Brasil), a Coalizão Internacional para Ação de

Desenvolvimento (ICDA — Bélgica), o Conseil pour le Developpement de la Recherche en Science Sociales en Afrique (CODESRIA — Senegal), o Asia Monitor Research Center (AMRC — Hong Kong), a consultoria Antenna (Holanda), a SATIS (organização de desenvolvimento de banco de dados de ONGs com sede na Holanda atendendo 100 grupos de tecnologia de base), o Sistemas de Informação e Documentação de Direitos Humanos (HURIDOCs — Noruega), o Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET — Chile), o Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo (Peru) e a International Development Education Research Agency (IDERA — Canadá).

Formação e estrutura

O Acordo Velletri parece um manifesto para a comunicação internacional de ativistas de justiça social:

"O bem-estar de um indivíduo e de uma comunidade depende de seu acesso e capacidade de aplicar a informação. A informação é, portanto, central no processo de desenvolvimento em todas as sociedades ... comunicar e partilhar informação... uma tal rede global só tem um papel válido a desempenhar no desenvolvimento se for criada, ligada e ao serviço das actividades locais... É preciso sublinhar que a gestão da informação não é uma objetivo em si, mas é simplesmente um elemento essencial na ação para resultados concretos e sustentáveis e melhorias na vida das pessoas."

Cinco anos após sua criação, em 1989, a Interdoc contava com um comitê técnico assessor e uma secretaria. A peça central on-line da Interdoc era uma instalação de conferência por e-mail e um quadro eletrônico de mensagens.

Por exemplo, o membro holandês (Antenna) fez acordos com a GeoNet, um serviço de correio eletrônico comercial com sede na Alemanha, para atuar como servidor de conferência e troca de documentos. A rede começou com 75 membros institucionais usando o sistema. Em 1985, o sistema GeoNet "com fins lucrativos" havia se expandido, fornecendo pontos de acesso na maioria dos países da Europa Ocidental e nos EUA.

Um grupo de voluntários formou a Poptel em Londres sob a égide da GeoNet para atender entidades sem fins lucrativos. No final da década, a Poptel/GeoNet atendeu 600 usuários institucionais de ONGs de 45 países. Os usuários receberam serviços de correio eletrônico e acesso a bancos de dados online na Europa e América do Norte. Centros de documentação e entidades jornalísticas/editoras alternativas também utilizaram o Poptel.

A rede foi estruturada em três "círculos" interligados. O núcleo ou primeiro círculo de comunicação foi a rede Poptel/GeoNet, sediada no Reino Unido, com mais de 600 usuários individuais e institucionais. O segundo círculo foi formado por 25 ONGs de crítica/advocacia em todo o mundo, conectando suas redes ou serviços de boletim informativo à Poptel/GeoNet. Essas instituições também experimentaram o Fidonet e outras opções de comunicação. O terceiro círculo foi formado pelos parceiros institucionais locais e regionais, clientes individuais e grupos comunitários atendidos pelo segundo círculo.

As ONGs do segundo círculo treinaram o terceiro círculo no uso de sistemas eletrônicos. Muitos no segundo círculo também se especializaram em pesquisa de informações estratégicas para entidades do terceiro círculo.

Embora o "hub" técnico dessa rede Interdoc de três círculos fosse o Poptel/GeoNet, o sistema era mantido unido pelos grupos do segundo círculo que serviam aos usuários

do terceiro círculo enquanto mantinham links de comunicação internacional para o Poptel/GeoNet. O número total de usuários ficou entre quatro e cinco mil. A maioria estava na América do Norte e na Europa Ocidental. As 25 ONGs do segundo círculo foram distribuídas da seguinte forma:

- Europa Ocidental: 8 (com sede na Bélgica, Holanda, Suécia, Reino Unido);
- América do Norte: 4 (EUA 3, Canadá, 1);
- América Central/Sul: 6 (Brasil, Chile, Colômbia, Nicarágua, Peru, Uruguai);
- África: 3 (Quênia, República da África do Sul, Zimbábue);
- Austrália-Ásia: 4 (Austrália, Hong Kong, Filipinas, Tailândia). (Lane, 1990).

Objetivos

Durante 1989, o entusiasta e ativista da computação Graham Lane preparou um guia e manual do usuário para a rede. A pesquisa foi posteriormente publicada pelo Instituto Católico de Relações Internacionais (CIIR), com sede em Londres. A monografia intitulava-se *Comunicação para o progresso: um guia para o e-mail internacional*. Era em parte manifesto, em parte manual e em parte catálogo de ativismo.

Partes do documento oferecem uma janela sobre o estado das redes internacionais de computadores não governamentais no final da década de 1980. Isso mostra que havia uma força institucional autoconsciente em torno do conceito de uso de redes de computadores para ações internacionais de justiça social que logo se canalizariam para a Internet.

Mais da metade do documento é ocupada por questões técnicas. Mais interessante é a seção onde foram resumidos os ideais e a autocrítica para o *networking*.

O resumo foi feito em introdução ao manual escrito por Michael Polman, Diretor da Antenna (Holanda) e facilitador do Interdoc. Polman prestou os serviços técnicos e de organização da Interdoc no final dos anos 1980. Ele operou um serviço de quadro de avisos online para ONGs holandesas. Ele também viajou por toda a África, América Latina e Ásia conduzindo seminários ensinando ONGs de crítica/advocacia como ficar online.

A introdução de Polman primeiro explica o “encaixe” entre ONGs que fazem justiça social e *networking*:

“A maioria das ONGs comercializa informação para mudança social. Alguns se concentram em coletar informações, alguns em analisá-las e outros em sua disseminação. As ONGs tornaram-se centros de inteligência independentes especializados em uma região ou em um tópico específico... A criação de redes se encaixa na natureza das ONGs como uma luva. Apoia a troca informal não hierárquica de informações, ajuda as comunicações laterais e a cooperação descentralizada... A introdução de comunicação internacional barata e imediata baseada na ligação de microcomputadores com o global; rede de comunicação de dados tem, portanto, incentivado muito o desenvolvimento de redes de ONGs... Funcionando cada vez mais como plataformas e grupos de interesse bem informados, as ONGs podem agora superar a rivalidade entre elas que marcou o início dos anos 1980... A tecnologia das redes de computadores deu organizações têm acesso a praticamente todas as fontes de informação. Permitiu que as ONGs monitorassem a inevitável internacionalização de suas economias e tomadas de decisão. Gradualmente, a comunidade internacional de ONGs está criando suas próprias ideologias globais, respondendo às atividades de instituições intergovernamentais e corporações transnacionais nas áreas de meio

ambiente, emprego, alimentação, saúde e educação ... problemas e, no processo, as divisões culturais e ideológicas entre Norte e Sul, Leste e Oeste, estão lentamente sendo superadas." [2]

Polman também afirmou as preocupações da Interdoc sobre a estrutura e o conteúdo das tecnologias, as formas de institucionalização e a diferença de raça e gênero:

1. Símbolos substituem declarações emocionais e a elaboração de qualquer questão... é evitada para economizar dinheiro e tempo... Não ter caixa de correio torna-se tão insolente quanto não ter endereço postal. Uma divisão é criada dentro e entre algumas ONGs onde a rede já foi vista como uma união de pessoas.
2. Outro perigo para as ONGs que participam de redes internacionais é o de manter contato com seus eleitores: a organização de base.
3. As relações tradicionais entre organizações parceiras estão mudando em muitos aspectos. As agências de financiamento estão sobrecarregadas com os pedidos das ONGs e encontram dificuldades para lidar com tanta informação nova e sua distribuição interna. Sua alocação de fundos beneficia as ONGs que estão 'on-line', pois o processo de aceitação de projetos para financiamento pode agora ser tratado em dias ou semanas, em vez de meses.
4. Em alguns casos, a implementação de redes eletrônicas parece ter criado redes muito dominadas por 'pálidos e masculinos', seja no Norte ou no Sul. Há uma clara falta de participação das mulheres e das comunidades indígenas do Terceiro Mundo. [3]

Interdoc e ativismo internacional pela justiça social

O catálogo oferecia perfis de algumas ONGs de justiça social de todo o mundo que usavam o Interdoc na década de 1980. Suas auto-descrições são importantes. Eles confirmam que o uso de redes de computadores para mudança social estava acontecendo em paralelo com as histórias mais conhecidas de aplicações públicas e comerciais da tecnologia durante o mesmo período.

Asia Monitor Resources Center (AMRC), com sede em Hong Kong, com foco em questões trabalhistas no sul, leste e sudeste da Ásia. Seu objetivo era fornecer informações estrategicamente úteis às organizações de trabalhadores na região-alvo. De particular interesse foi vincular grupos de trabalhadores de base entre regiões em termos de adversários compartilhados. O AMRC relatou o uso de conferências e e-mails estabelecidos no Poptel/GeoNet para Interdoc para facilitar as ligações para participação em quadros de avisos e troca de mensagens, e pedidos de informações de ativistas.

O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), de São Paulo, Brasil, foi criado em 1981 como uma ONG que reúne jornalistas e cientistas da informação que prestam serviços de pesquisa a ONGs. Administrava o sistema de correio eletrônico Alternex e prestava estudos, consultoria, processamento de dados, comunicação de dados e outros serviços a sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos, organizações comunitárias, centros de educação e documentação populares, estudantes e outros.

Das Filipinas, o "Acesso do Povo" informou que havia formado um serviço de quadro de avisos on-line para ONGs desde 1987. A iniciativa foi uma formalização de experimentos ad hoc estimulados por pesquisas em comunicações por computador

para ONGs das Filipinas iniciadas em 1985. O Acesso do Povo funcionou como um boletim serviço de diretoria e contava com a adesão de 22 ONGs locais. Produziu um boletim informativo e ofereceu treinamento em comunicação por computador. O quadro de avisos, chamado ACCESS-BBS, mantinha um gateway diário para o sistema da Poptel/GeoNet.

Da França, a Global Dialog Association (GDA) estava usando a rede para promover a troca de informações entre ONGs na antiga União Soviética, Europa Ocidental e Estados Unidos. Na Noruega, um grupo chamado HURIDOCS (Human Rights Information and Documentation System) estava usando a rede para conectar monitores de direitos humanos em todo o mundo.

A SATIS, uma organização com sede na Holanda, forneceu informações sobre tecnologias de desenvolvimento sustentável a 100 grupos membros em 50 países. "O objetivo deste trabalho é ajudar as empresas da comunidade local a elevar os padrões de vida, levantar questões, arrecadar fundos, aumentar a renda - e atender - às expectativas". [4]

Interdoc como precursor

Em 1990, ONGs internacionais e grupos de justiça social criaram uma nova rede global de computadores chamada Association for Progressive Communications (APC) (Murphy, 2000). A rede da organização funcionava no protocolo de controle Unix-to-Unix (UUCP). Teve impacto imediato. ONGs internacionais usaram o sistema para organizar suas campanhas e fóruns em uma série de conferências das Nações Unidas (Frederick, 1993). Em meados da década de 1990, estava sendo creditada a ela literalmente refazer a sociedade civil global – colocando as ONGs em pé de igualdade diplomática com os estados e organizações multilaterais (Warkentin, 2001).

De fato, o primeiro acordo informal para criar a APC foi alcançado em uma conferência patrocinada pela Interdoc em maio de 1990 em Amsterdã. Na reunião, sete quadros de avisos existentes concordaram em alterar seu hardware e software, criando uma rede transparente e transparente baseada no protocolo UUCP.

Outros quadros de avisos de ONGs ao redor do mundo, particularmente o mundo em desenvolvimento, receberiam doações para que pudessem se conectar com a rede. Dois eram uma parte central do Interdoc: IBASE (com um serviço de boletins chamado Alternex) e Poptel, renomeado como GreenNet.

Praticamente todas as ONGs que experimentaram a comunicação por computador mudaram para o sistema APC no início da década de 1990. A APC também herdou da Interdoc o mesmo compromisso ativista social (APC, 1997).

Conclusão

Ao longo da década de 1980, ONGs internacionais de todo o mundo aprenderam a usar uma rede de computadores para ações de justiça social. O Interdoc foi criado porque algumas ONGs de pequena ajuda se transformaram em agentes de educação e advocacia. A informação e a comunicação eram de importância estratégica para eles.

Eles escreveram conceitos de justiça social em seu documento de incorporação, o Acordo Velletri. Eles visavam criar um tipo diferente de rede de computadores – promovendo ideais de justiça social. A Interdoc estava criticamente autoconsciente das questões de democracia e igualdade que as redes de computadores levantavam.

As organizações membros usaram a rede para uma ampla gama de atividades de justiça social. A Interdoc forneceu um "banco de teste" para redes de computadores de organizações não governamentais internacionais que foi concebida em 1990 como a Association for Progressive Communications.

Sobre o autor

Brian Martin Murphy é Professor Assistente de Estudos de Comunicação na Niagara University em Lewiston NY. Ele tem escrito sobre novas mídias e sociedade desde seu primeiro livro, *The world wired up: Understanding the new communication puzzle* (London: Comedia, 1983). Ele publicou mais recentemente "Uma história crítica da Internet", em Greg Elmer (editor), *Perspectivas críticas sobre a Internet* (Lanham, Md.: Roman & Littlefield, 2002) e "Propagating jornalismo alternativo através do ciberespaço de justiça social: A apropriação de redes de computadores para o desenvolvimento de mídia alternativa na década de 1990", em Ron Eglash, *et al.* (editores), *Apropriando-se de tecnologia: ciência vernacular e poder social* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004).

Apêndice -- O Acordo Velletri

10 de julho de 1984

1. Declaração de Propósito

1.1 Diversas ONGs reuniram-se em Velletri, Itália, de 2 a 7 de outubro de 1984 para discutir atividades específicas de acompanhamento da reunião Documentation for Change realizada em Lisboa Portugal em janeiro de 1982. A reunião de Velletri concentrou-se na recomendação "estabelecer uma rede de grupos explorando o uso de novas tecnologias de informação para a troca de estudos de viabilidade, experiências e descobertas."

1.2 O grupo Velletri foi composto por representantes de centros de informação e documentação relacionados com ações de desenvolvimento de base que trabalham em nível nacional e internacional em todo o mundo.

2. Preâmbulo

2.1 O bem-estar de um indivíduo e de uma comunidade depende de seu acesso e capacidade de aplicar a informação. A informação é, portanto, central no processo de desenvolvimento de todas as sociedades. É natural, portanto, que os grupos envolvidos no desenvolvimento de base estejam há muito tempo engajados na coleta, análise e disseminação sistemática de informações entre as pessoas.

2.2 Os rápidos desenvolvimentos recentes nas novas tecnologias da informação abriram novas possibilidades para as ONGs comunicarem e partilharem informações. As possibilidades também cresceram dramaticamente para acesso a bancos de dados maiores. Um aspecto desses rápidos desenvolvimentos tem sido o uso de tecnologias de informação desenvolvidas mais recentemente nos países do Sul, do que muitas vezes são instaladas em muitas organizações do Norte.

2.3 Estes desenvolvimentos avançaram muito desde a reunião de Lisboa, onde foram elaboradas as primeiras propostas para uma rede global de centros de documentação de ONG a serem interligados através de modernas tecnologias de telecomunicações. No entanto, a reunião de Velletri considerou que o estabelecimento de uma rede global deve basear-se nas necessidades reais dos centros que trabalham para o desenvolvimento de base junto com as organizações populares. Enfatizou-se que tal rede global só tem um papel válido a desempenhar no desenvolvimento se for criada, vinculada e a serviço das atividades locais. Além disso, em todas as etapas de discussão e ação no campo da informação para o desenvolvimento, deve-se ressaltar que a gestão da informação não é um objetivo em si, mas simplesmente um elemento essencial na ação para resultados concretos e sustentáveis e melhorias nas pessoas ' vidas. A gestão da informação e as práticas conexas de trabalho em rede devem ser orientadas para a mobilização da informação, e não para a sua imobilização.

3. As Necessidades

3.1 As necessidades expressas pelos grupos no campo da informação são as seguintes:

- Conhecer-se: grupos de algumas regiões expressaram seu desconhecimento da existência e atuação de outros centros.
- Compartilhar conhecimento: há uma necessidade urgente de compartilhamento de conhecimento e experiência sobre a seleção e uso de computadores e tecnologias de telecomunicações no manuseio e disseminação da informação. Isso inclui uma melhor troca de habilidades e ferramentas para o manuseio de informações. Existe uma necessidade comum de proporcionar mais oportunidades de formação em técnicas de documentação, organização de bases de dados e comunicações electrónicas.

- Para melhorar o acesso às bases de dados uns dos outros: considerou-se que os grupos poderiam apoiar-se substancialmente uns aos outros, fornecendo um meio de canalizar os pedidos de informação para as fontes mais apropriadas.
- A necessidade de meios de comunicação mais rápidos, eficientes e baratos entre as ONGs para troca de mensagens e informações, principalmente na área de questões urgentes de campanha.

4. Os Recursos e a Resposta

4.1 Os grupos de Velletri têm capacidade e recursos dentro de si para responder amplamente a essas necessidades, se agirem cooperativamente. Propõe-se, portanto, a formação de uma rede de centros de documentação de ONGs e grupos de ação de desenvolvimento. Essa rede cooperativa fornecerá os canais para o compartilhamento mútuo de habilidades e conhecimentos sobre manuseio de informações. Esta rede será conhecida como Interdoc.

5. Atividades da Rede

5.1 As atividades do Interdoc para o período de dois anos (1985-1986) serão focadas no fortalecimento das capacidades gerais dos membros no manuseio de informações e no incentivo à cooperação local, nacional e regional. As atividades específicas são:

uma. Compartilhamento de conhecimento técnico sobre tratamento de informações por meio de:

- Oficinas de treinamento. As atividades de treinamento existentes e planejadas dos membros da rede estarão abertas para atender a essa necessidade nas diversas regiões.
- Estágios e intercâmbio de pessoal, preferencialmente em nível regional, para treinamento em serviço em sistemas de informação de outros centros. (Os fluxos de informações sobre essas atividades de treinamento serão coordenados pelo IDOC e SATIS)
- Um grupo de assessoria técnica composto por especialistas de membros e não membros, para aconselhar membros e outras ONGs sobre suas possíveis necessidades de informatização e telecomunicações. Este grupo será um ponto focal para a coleta e divulgação de informações e experiências sobre novas tecnologias da informação (hardware e software). Este grupo será coordenado pelo IBASE e PRIO.

b. Partilha de informação, através de um serviço de referência e câmara de compensação. O papel deste serviço é canalizar, o mais rápido possível, pedidos de informação às fontes certas. A coordenação será feita pelo IDOC, com as principais contribuições do CODESRIA, CENDIT, ICDA, DCC, IBASE, ILET e INIES.

c. O estabelecimento de uma força-tarefa para coordenar os trabalhos de padronização dos formatos necessários para a troca eficiente de informações, aplicáveis tanto em sistemas manuais quanto eletrônicos. Este trabalho será coordenado pela HURIDOCS, com as principais contribuições do SATIS e do IBASE.

d. Boletim para a rede com foco na troca de experiências no manuseio manual e informatizado da informação, inclusive com hardware e software; estudos de viabilidade de informatização; eventos de treinamento; pesquisa sobre técnicas de manipulação de informações e análise e avaliação de sistemas, bem como uma seção de 'pequenos anúncios'. Será editado pelo ILET e CENDIT.

e. Uma série de guias sobre questões tecnológicas específicas, como procedimentos e formatos de telecomunicações. Isso será coordenado pelo Grupo Técnico Consultivo.

f. Um mecanismo de troca de notícias da rede, como um "quadro de boletins" de computador, para servir como um 'newsletter' adicional e permanentemente atualizado para os membros, com notícias da rede; isso, e uma caixa postal eletrônica para troca de informações e solicitações

urgentes dos membros será coordenada pelo ICDA, IDOC, ILR e IPS. Um projeto piloto de rede de correio eletrônico regional e inter-regional por meio de modems e/ou telex entre os centros capazes de fazê-lo.

6. A Estrutura da Rede

6.1 Filiação:

É desejo e intenção de todos aqueles interessados em iniciar o Interdoc que seus membros sejam tão abertos e difundidos quanto possível. No entanto, considera-se que é necessária uma análise mais aprofundada para estabelecer os procedimentos de tomada de decisão sobre a admissão de membros. Assim, durante o período inicial de dois anos, os membros do Interdoc serão constituídos por ONG que tenham participado em uma ou ambas as reuniões de Lisboa e Velletri e que manifestem formalmente a sua vontade de aderir.

6.2 Finanças:

Os recursos financeiros iniciais serão fornecidos por contribuições anuais de um mínimo de US\$ 50, e serão alocados para os custos diretos do boletim informativo da rede e atividades iniciais. Será preparada uma proposta de financiamento para outras atividades dos dois primeiros anos.

6.3 Coordenação:

Durante o período inicial de dois anos, as atividades do Interdoc serão orientadas por um Grupo Diretor preparatório. Além de seu papel de coordenação, este Grupo investigará se o INTERDOC pode ser estabelecido como uma entidade legal separada e fará propostas para uma reunião dos membros. O Steering Group refletirá adequadamente as atividades específicas, níveis, estilos e área de trabalho, várias possibilidades de comunicação e iniciativas da rede. Será assim composto por Abdul Aziz Ly, Charles Foubert, Chris Pinney, John Sayer e Mario Padron.

A execução das atividades da rede depende do compromisso de todos os membros: Em nome de todos os membros, o IDOC tem a responsabilidade de estimular a plena implementação dos termos deste acordo Velletri, incluindo a coleta e administração de quaisquer verbas necessárias para o INTERDOC.

7. Avaliação e Acompanhamento

7.1 Durante e ao final deste primeiro período de dois anos, será realizada uma avaliação. As decisões futuras sobre o possível desenvolvimento e consolidação da rede e suas atividades serão baseadas nos resultados desta avaliação. Esses processos de avaliação em andamento dentro da rede serão coordenados pelo GRESEA.

Fonte: Interdoc, 1984. O Acordo Velletri. Antena, Neijmegen, Holanda.

Notas

1. Wheeler, 1988, p. 2.
2. Lane, 1990, pp. xii-xiii.
3. Lane, 1990, p.xiv.
4. Lane, 1990, p. 51.

Referências

- Association for Progressive Communications (APC), 1997. "The APC mission", em <http://www.apc.org/english/about/index.shtml>.
- T. Broadhead e B. Herbert-Copley, 1988. *Pontes de esperança: agências voluntárias canadenses e o terceiro mundo*. Ottawa: Instituto Norte Sul.
- M. Castells, 1997. *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. Volume II: *O poder da identidade*. Oxford: Blackwell.
- TV Ford e G. Gil, 2001. "Uso Radical da Internet", In: J. Downing (editor). *Mídia radical: comunicação rebelde e movimentos sociais*. Thousand Oaks, Califórnia: Sage, pp.201–234.
- H. Frederick, 1993. "Redes de computadores e o surgimento da sociedade civil global", In: Linda M. Harasim (editor). *Redes globais: Computadores e comunicações internacionais*. Cambridge Mass.: MIT Press, pp. 1381-159.
- H. Frederick, 1992. "Rede de computadores de ONGs norte-americanas contra o NAFTA: O uso de comunicações por computador na construção de coalizões transfronteiriças", *Gazette: International Journal of Mass Communication Studies*, volume 50, números 2/3, 87-106.
- P. Ghils, 1992. "Sociedade civil internacional: Organizações não governamentais internacionais no sistema internacional", *Sociologia Histórica*, volume 133 (agosto), 417-429.
- M. Hauben e R. Hauben, 1997. *Internautas: Sobre a história e o impacto da Usenet e da Internet*. Los Alamitos, Califórnia: IEEE Computer Society Press.
- Grahame Lane, 1990. *Communications for progress: A guide to international e-mail*. Londres: Instituto Católico para Assuntos Internacionais.
- CJP Moschovitis, H. Poole, T. Schuyler e TM Senft, 1999. *História da Internet: Uma cronologia, 1843 até o presente*. Santa Bárbara, Califórnia: ABC-CLIO.
- BM Murphy, 2002. "Uma história crítica da Internet", In: G. Elmer (editor). *Perspectivas críticas sobre a Internet*. Lanham, Md.: Roman & Littlefield.
- BM Murphy, 2000. "A fundação da APC: Coincidências e passos lógicos na rede global da sociedade civil", em <http://www.apc.org/english/about/history/index.shtml>.
- BM Murphy, 1994, "Enfrentando crises através de novos canais na era pós-NWICO: novas agências alternativas e as redes de computadores de organizações não governamentais", *Journal of International Communication*, volume 1, número 1 (julho), pp. 74– 92.
- Chris Pinney, 1997. Entrevistado pelo autor (2 de junho).
- R. Poulton e M. Harris (editores), 1988. *Colocando as pessoas em primeiro lugar: Organizações voluntárias e o terceiro mundo*. Londres: Macmillan.
- GL Ribeiro, 1998. "Políticas ciberculturais: Organizações não governamentais e redes de computadores", In: S. Alvares, E. Dagnino e A. Escobar (editores). *O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- J. Smith, 2001. "Subversão cibernética na economia da informação", *Dissent* (Primavera), pp. 48-52.
- ME Martínez-Torres, 2001. "Sociedade civil, a Internet e os Zapatistas", *Peace Review*, volume 13, número 3 (setembro), pp. 347-356.

C. Warkentin, 2001. *Remodelando a política mundial: ONGs, Internet e sociedade civil global*. Lanham, Md.: Roman & Littlefield.

JC Wheeler 1988. *Ajuda voluntária para o desenvolvimento: O papel das organizações não governamentais*. Paris: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

História editorial

Documento recebido em 13 de outubro de 2004; aceito em 7 de abril de 2005.

Copyright ©2005, Brian Martin Murphy.

Interdoc: A primeira rede internacional de computadores não-governamentais por Brian Martin Murphy

Primeira segunda-feira, Volume 10, Número 5 - 2 de maio de 2005

<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1239/1159> Interdoc